



# TEORIA SÓCIO-HISTÓRICA E A INCLUSÃO ESCOLAR DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA <sup>1</sup>

**Michelle Karoline Pereira da Silva**

Pós-Graduada do Curso de Mestrado em Educação (UNIFAP, 2017). Especialista em Política Educacional (UNIFAP, 2016). Especialista em Educação Especial e Inclusiva (FATECH, 2016).

Email: michellesilvam12@gmail.com

**Rodrigo Ferreira dos Santos**

Orientador do estudo. Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior pela FATECH. Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela FACINTER. Graduado em Direito pela

UNIFAP. E-mail: rodrigoferreiraamapa@hotmail.com

*UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP*

Campus Marco Zero - Macapá

Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419

## Resumo

O objetivo do estudo é discutir a inclusão escolar da criança com Transtorno do Espectro Autista considerando as contribuições da Teoria Sócio-histórica. Trata-se de pesquisa bibliográfica com natureza qualitativa. Os resultados evidenciam que o paradigma da inclusão está em construção e por isso há desafios. Compreendemos, a luz da Teoria Sócio-histórica, que o desenvolvimento cognitivo da criança não acontece de forma vedada, mas a partir das interações sociais mediadas de maneira bem estruturadas no ambiente escolar. Desta forma, a deficiência não se torna barreira que determina o futuro da criança. Salientamos que a inclusão é um processo ainda não efetivado, mas acreditamos na possibilidade de sua realização com qualidade a todos, sem distinção.

**Palavras chaves:** Transtorno do Espectro Autista. Teoria Sócio-Histórica. Inclusão escolar.

## 1. INTRODUÇÃO

A partir dos anos de 1990, nacionalmente, pesquisadores, professores e pessoas ligadas a educação passam a fomentar a discussão acerca do paradigma da Inclusão, tendo como princípio básico a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas, raciais, culturais ou de desenvolvimento, nas escolas de ensino regular. (GLAT e BLANCO, 2009).

A escola, nessa perspectiva, deve ser pensada a partir da realidade e das características de cada aluno. Bem como, buscar estratégias para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma significativa. Assim sendo, a educação inclusiva é uma das formas mais efetivas de promoção e garantia de direitos da pessoa com TEA, bem como uma educação de qualidade proporcionando, conseqüentemente, autonomia a estas (SCHMIDT, 2013).

---

<sup>1</sup> Esse trabalho é resultado da produção final apresentada ao Curso de Educação Especial e Inclusiva da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH) em 2016.



Compreendemos que a inclusão escolar é um desafio permanente que requer momentos de reflexão e, conseqüentemente, transformação de paradigmas, de práticas cotidianas. Não se trata de uma mudança rápida, imediata, mas é processual o que requer tempo, investimento, formação de professores e equipe escolar, recursos didáticos, metodologias e estratégias de ensino específicas, bem como mudanças nas práticas avaliativas para que a escola possa de fato acolher todos os alunos. Tais modificações devem ser proporcionadas pelo Estado, enquanto mantenedor, para formar com qualidade tanto a pessoa com deficiência quanto para que os educadores tenham alternativa para desempenhar suas ações pedagógicas no ambiente escolar.

O estudo é resultado de uma revisão bibliográfica que realizamos ao cursar especialização em Educação Especial e Inclusiva da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH) em 2016. O objetivo desse trabalho é discutir a inclusão escolar da criança com Transtorno do Espectro Autista considerando as contribuições da Teoria Sócio-histórica de Vygotsky. Tal teoria apresenta como pressuposto ontológico percebe o homem como um ser social, histórico e cultural, pautada nas concepções do materialismo histórico e dialético. (VYGOTSKY, 1998).

Trata-se de pesquisa bibliográfica com natureza qualitativa e os instrumentos são: a leitura e a análise, com características fundamentais que visam a descoberta, ênfase na interpretação do contexto ao se propor retratar a realidade de forma completa e profunda e se torna relevante para a sociedade. Ressaltamos que estudos dessa como esse possibilitam ampliar os resultados em abordagens investigativas o que proporciona ganhos significativos para pesquisas realizadas no campo educacional. (DAL-FARRA, LOPES, 2013).

## **2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS E INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**

As primeiras publicações que tratam sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA), suas características e sintomas foram de estudos de dois grandes estudiosos sobre a temática: Leo Kanner, em 1943, e Hans Asperger, em 1944. Asperger empregou o termo “psicopatia autística” para determinar os fatos observados por ele como: isolamento social e dificuldade de comunicação e suas primeiras pesquisas foram desenvolvidas com indivíduos com leve grau de autismo, dessa maneira se atribui o termo síndrome de Asperger para as manifestações leves do transtorno em questão. (SCHMIDT, 2013).

O Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais V (DSM-V), da Associação Americana de Psiquiatria (APA) de 22 de maio de 2013, classifica o TEA como



Transtorno de Neurodesenvolvimento. Assim, o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que se apresenta desde a infância com déficit nas dimensões sociocomunicativas e comportamental no qual os níveis de comprometimento serão classificados como leve, moderado ou grave (SCHMIDT, 2013).

Surian (2013), apoiada em estudos anteriores, sinaliza que a criança com TEA manifesta-se e agrupa-se na *tríade do espectro autístico*, que pode levar o indivíduo a apresentar algumas características como a falta de apego a uma pessoa, o uso de pronomes na terceira pessoa ao referir a si mesmo, em alguns casos a criança pode apresentar comportamentos autolesivos, com dificuldade em aceitar limites, além de ter fobias. dentre outras. Quanto a comunicação, pode apresentar atraso ou falta da aquisição da linguagem oral, fala sem entonação, ou manifestação de sentimento.

Ao tratar da escolarização de crianças com TEA Chiote (2013) afirma que ficou sob a responsabilidade de instituições especializadas de educação especial, a partir dos debates de 1990, nacionalmente, sendo o atendimento à essas crianças tendo como base o modelo médico-clínico, cujo trabalho pedagógico era centrado na deficiência do aluno, visando “corrigir” ou “amenizar” déficits, bem como determinar à criança uma incapacidade de aprender e se desenvolver. No entanto, no paradigma da inclusão a escola é pensada para as pessoas com ou sem deficiência e devem conviver em salas de aula do ensino regular, sem segregação, para colaborarem entre si, conviver com suas diferenças e desenvolver suas potencialidades. A escola deve adaptar-se e respeitar as características do aluno oferecendo-lhes alternativas pedagógicas para atender as suas especificidades.

Nessa perspectiva, a escola além do papel de inclusão, deve proporcionar socialização, aquisição de conhecimento sistematizado, condições de permanência e conclusão das etapas escolares garantindo que cada um de seus alunos, seja este com deficiência ou não, respeito as suas diferenças e suas potencialidades e necessidades apresentadas (GLAT e BLANCO, 2009).

Ressaltamos que a educação inclusiva é uma proposta em construção tendo em vista os desafios que enfrenta muitas vezes relacionados diretamente com questões como o preconceito, que é construído, a nosso ver, socialmente no sistema em que vivemos. No entanto, acreditamos na possibilidade de uma sociedade mais justa tendo em vista os processos de contradição, movimentos de resistências e lutas que contribuem para a inclusão escolar e social das pessoas com TEA.



### 3. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA SÓCIO-HISTÓRICA PARA INCLUSÃO ESCOLAR DA CRIANÇA COM TEA

Levy Semenovitch Vygotsky, grande mentor dessa teoria, foi pioneiro no conceito de desenvolvimento intelectual de crianças, viveu entre os anos de 1896 e 1934. Para esse brilhante autor o desenvolvimento de qualquer pessoa, seja ela com deficiência ou não, ocorre em função das interações socioculturais e as condições que lhe são oferecidas mediadas por seus pares (REGO, 1999).

Para o autor dessa teoria o processo de aprendizagem sempre incluirá relações entre as pessoas. Como um processo correlacionado com a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pelo Homem e as relações sociais. O autor considera que as aprendizagens ocorrem no que ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como engrenagens que permitem o desenvolvimento dos sujeitos num ritmo gradativo/processual. (VYGOTSKY, 1998)

A ZDP pode ser entendida como a distância entre dois níveis de desenvolvimento, o Nível de Desenvolvimento Real (NDR) e o Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP). O primeiro, de forma a exemplificar, tem relação com uma tarefa que a criança consegue realizar com autonomia, sem auxílio, são etapas já alcançadas pelo indivíduo. O segundo nível, por sua vez, é demarcado pela capacidade do sujeito em solucionar problemas/atividades/tarefas com ajuda de um par mais experiente, esse então pode ser o(a) professor(a), os pais, ou mesmo uma outra criança. Nesse caso, a criança com TEA deve ser exposta a uma situação de aprendizagem que poderá ser potencializada (VYGOTSKY, 1998).

Vygotsky (2007), nos conduz a compreensão de que o desenvolvimento cognitivo do Homem não acontece de maneira vedada/fechada, mas quando organizado, quando potencializado, resulta no desenvolvimento e, conseqüentemente em aprendizagem. Pautado nesse pressuposto entendemos que a criança com TEA tem possibilidade de estratégias para potencializar sua aprendizagem. Nesse viés, as funções humanas que se vinculam a alguma deficiência irão depender de certas condições que são oferecidas no processo de aprendizagem pelo grupo social que a criança faz parte, que podem ser adequadas ou empobrecidas.

Destarte, a criança com TEA é um sujeito ativo em seu processo de formação e desenvolvimento intelectual, social e histórico. Cabe, nessa perspectiva, dar-lhe condições para que desenvolva e efetive a sua aprendizagem. Ressaltamos, ainda, que o Homem não nasce predestinado a um tipo de conhecimento, mas ele é construído ao longo de sua história e de suas relações e interações sociais e culturais. Ele resulta de suas relações com o mundo que vive, assim o



aprendizado é um processo que envolve interação, mediação e apropriação, considerando suas diferenças.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

O presente estudo se propôs discutir sobre a inclusão escolar da criança com TEA considerando as contribuições da Teoria Sócio-histórica. Consideramos que embora a discussão sobre a temática da inclusão tenha ganhando mais visibilidade a partir da década de 1990 em nosso País, conforme evidencia a literatura, muitos ainda são os desafios a serem enfrentados dentre os quais se tem o preconceito que induzem processos de exclusão da pessoa com deficiência, em especial a pessoa com TEA, do e no ambiente escolar.

Nesse viés que consideramos que esta Teoria apresenta contribuições significativas para a inclusão de crianças com TEA, pois percebe o homem como um ser social, histórico e cultural, com potencialidades, que transformada o mundo em sua volta e é transformado, que é capaz de interagir, de aprender, de pensar, de executar, dentre outras questões. Assim, ao pensar a inclusão escolar torna-se necessário repensar a formação do corpo técnico e pedagógico, assim como rever seu projeto político pedagógico, recursos didáticos, metodologias e estratégias de ensino, repensar práticas avaliativas para que possa de fato acolher todos os alunos, independentemente de sua condição, investimento na educação, ou seja, a necessidade da participação efetiva do Estado, enquanto mantenedor, para a garantia do direito desse cidadão para que o mesmo além de ter acesso, no sentido de ser incluído em escolas de ensino regular, permanece e tenha uma formação de qualidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **DSM-IV: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. São Paulo: Manole. 2002.

\_\_\_\_\_. **DSM-V: Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. Washington: American Psychiatric Association. 2013.

GLAT, Rosana; BLANCO, Leila. **Educação especial no contexto de uma educação inclusiva**. In: (Org.). Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

MELLO, Ana Maria S. R. de. **Autismo: guia prático**. ed. 6ª. São Paulo: AMA, Brasília – DF: 2007.



REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

STELZER, Fernando. **Uma pequena história do autismo**. Rio Grande do Sul: Oikos, 2010.

VYGOSTKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_, **A Formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_, **Manuscrito de 29: Educação e sociedade**. Campinas, Cedes, nº 71, 2000.

\_\_\_\_\_, Levy Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Org. Michael Cole [*et al*]. Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.